

ENTREVISTA COM A ESCRITORA JANETE MANACÁ: PALAVRAS POÉTICAS EM MOVIMENTO

Emanuelly Mariana Trindade Guimarães¹

Figura 1- Janete Manacá



MANACÁ, Janete. Arquivo pessoal, 2023.

Quando se aprende a viver fora dos padrões que muitas vezes nos amordaçam, somos julgados. Mas isso não faz o menor sentido porque o vento que toca a minha face não é o mesmo que toca a sua. A sensação é outra. Você talvez segure os cabelos e eu, por certo, vou apreciar vê-los soltos a dançar. Afinal, vento também é poesia... sonora! (Janete Manacá)

Janete Manacá é atriz, escritora e poetisa, filha de camponeses, ama expressar-se pela arte com palavras, com o corpo, com todo o seu ser. Mantém uma relação muito íntima com a natureza, o que reflete sua história de vida e, conseqüentemente, a essência de seus textos, os quais valorizam elementos naturais, assim como protagonistas femininas, que Manacá define como “as mulheres da minha infância, tão lindas, sábias e poderosas. Mulheres afetivas e

¹ Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Luterana do Brasil-ULBRA e pós-graduada em Libras e Educação de Surdos pela Faculdade Interamericana de Porto Velho-UNIRON. Bacharel em Turismo pela Universidade do Estado do Amazonas. Graduada em Direito pela UNEMAT. Professora da E. E. Cora Coralina em Comodoro-MT, Brasil. Lattes <http://lattes.cnpq.br/3715565964843323>, E-mail: emanuelly.mtg@gmail.com.

acolhedoras. Benzedeadas, rezadeiras, erveiras, parteiras, lavadeiras, mães solas e aquela que guarda nossos sonhos e atende os nossos desejos: a Mãe Terra”. Foi num povoado rural, ao norte do Paraná, que passou sua infância, mas há 41 anos escolheu viver em Cuiabá, a calorosa cidade onde reside atualmente. É bacharel em Serviço Social, Comunicação Social e Filosofia, com especialização em Semiótica da Cultura pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

A autora tem obras publicadas em verso e prosa. Algumas publicações: *Deusas Aladas*; *A Última Valsa*; *Quando a Vida Renasce do Caos*; *Sinfonias do Entardecer*; *Extasiada de Infinitos*; *Tecelã de Memórias*; *Valentina, a menina que brinca com o vento*; *Outono para além da janela*; *GAIA – a poética silenciosa do amor e A sabedoria dos caminhos: poesia em tempos de pandemia*; *Urgência Poética - poesia em tempos de incerteza – volume I*; *Mergulho Poético - poesia em tempos de dor - volume II*; *Aconchego Poético - poesia em tempos de reflexão – volume III e Renascimento Poético - poesia em tempos de esperança – volume IV (coletânea)*.

A ideia desta entrevista surgiu do contato caloroso que a pesquisadora adquiriu com a autora, em decorrência de pesquisas acadêmicas e até um artigo publicado, com a análise do poema *A máscara*, o qual faz parte da obra *Sinfonias do Entardecer*, de Janete Manacá. O intuito deste trabalho é aproximar os leitores da autora, revelando alguns detalhes de sua história, seu gosto pela leitura, as temáticas abordadas em suas escritas, últimas obras publicadas, planos para o ano de 2023, enfim, saborear as palavras e sentir a essência acolhedora de Manacá.

EMANUELLY GUIMARÃES: Como a poesia e a literatura entraram em sua vida? Conte-nos um pouco de sua trajetória.

JANETE MANACÁ: Sou filha de camponeses. Nasci em São Martinho, povoado rural localizado no norte do Paraná. Meus pais não eram os donos da terra, faziam tudo: preparavam a terra, semeavam, colhiam e após todo o processo, ficavam só com a metade da produção, pois a outra metade era do dono do sítio. Era sempre muito trabalho e pouco retorno. Conseguíamos sobreviver!

Meus pais eram muito amorosos e com eles eu aprendi a amar, respeitar, celebrar e agradecer a Terra, pois tudo que tínhamos vinha do seu abundante e sagrado ventre. Plantávamos arroz, café, feijão, milho, amendoim, tomate, chuchu, almeirão, cana de açúcar, melancia, melão... Vivi num tempo que o quintal da casa era uma farmácia viva. Havia muitas

ervas medicinais e também árvores frutíferas. Eu e meus irmãos fomos criados com a generosidade do poder curativo dessas ervas em forma de chás e banhos.

Vim ao mundo pelas mãos de uma parteira. Muitas vezes fui salva pelas orações das benzedadeiras. São tantas as mulheres amorosas da minha infância que trago com muito amor no meu coração! Quando os chás e as ervas não davam conta, minha mãe recorria ao farmacêutico do povoado que mais parecia um xamã. Conhecia e cuidava com carinho de pai de todas as crianças, razão pela qual eu só vim conhecer um médico quando tinha 20 anos.

Meu pai, além de camponês, era autodidata, não só tocava violino, como também fazia. Era um luthier, tocava todas as noites para minha mãe após o jantar. Ele e minha mãe costumavam, à noite, sentados no barranco do quintal, contar histórias de assombração. Eram exímios contadores de histórias. Ativavam a nossa curiosidade e alimentavam com muita criatividade o nosso imaginário infantil. Num tempo em que só se conhecia o calor do colo materno, eu e meus irmãos tivemos a felicidade de receber o aconchego do seu colo. Ele era tão especial e amoroso que, além que nos acolher em seu colo, também cantava e isso nos fortaleceu para a vida. Infelizmente, numa tarde, ao voltar da roça, passou mal e foi levado para o hospital de Rolândia, cidade a 60 quilômetros de distância, a qual o povoado onde morávamos pertencia. Foi acometido por um derrame cerebral e partiu após ficar uma semana internado, no dia 06/06/1964. Minha mãe ficou viúva, com trinta e nove anos de idade, cinco filhos, o mais velho com doze anos. Eu tinha apenas sete anos quando isso aconteceu.

Fui alfabetizada aos oito anos de idade, cursei o primeiro e segundo ano do primário e tive que abandonar a escola para trabalhar. Nem o choro da professora foi capaz de impedir a interrupção do desejo de continuar na escola, afinal, sonho não rima com fome e outras necessidades. Com catorze anos eu fiz o supletivo de primeiro grau, em seguida, o ginásio e após o segundo grau, o curso de Técnico em contabilidade, única opção que tinha. Naquele ano da morte do meu pai, tivemos uma abundante colheita, mas após a sua partida, tudo mudou. O pão na mesa de cada dia dependia no nosso trabalho, passamos a viver uma segunda infância. Trabalhei na roça, colheita de algodão, café, fui babá e empregada doméstica. Esse momento da minha trajetória não deixou nenhum trauma, até porque era a única realidade que eu conhecia.

Minha mãe era uma Rainha. Mulher forte, corajosa e decidida, respeitada no povoado muito mais do que qualquer homem. Nunca mais se casou. Viveu para os filhos. Em 1982, veio morar comigo em Cuiabá e ficou aqui até a sua partida. No meu primeiro livro: *Deusas Aladas* (2018) eu abro com uma poesia para ela. Deixou-me um imenso legado, a importância da ética,

do amor, da moral, da sabedoria e do cuidado. Faleceu em 23 de agosto de 2010, com oitenta e sete anos, lúcida e serena como um passarinho em fim de tarde.

Eu tinha nove anos quando ganhei meu primeiro livro, ao passar do segundo para o terceiro ano em primeiro lugar. Recebi da minha primeira Professora: Alzita da Silva em 13/12/1965. Era da coleção “Historietas da Disney”, intitulado “Os companheiros de Branca de Neve”, Edições Melhoramentos, 4ª edição – 1964. Ainda o tenho e guardo-o como uma relíquia. Durante o tempo que trabalhei como babá, tive contato com aqueles “disquinhos coloridos de vinil”, com histórias da Disney. Eu ouvia, decorava, contava para as crianças que eu cuidava, representando as personagens, inclusive cantando e dançando. Algumas das histórias: Branca de Neve e os sete anões, Cinderela, A moura torta, os três porquinhos... entre outras.

Um outro momento de contato com a literatura foi na rádio. Iara Fortuna, conhecida na época como Iarinha, filha do radialista, cantor e compositor José Fortuna, tinha um quadro no programa do pai, na Rádio Nacional, as segundas-feiras, salvo engano. Eu não perdia um programa, ela declamava poesias lindamente. Não sei dizer quem eram os autores, mas eu ficava encantada. A era do rádio foi um tempo muito fértil em cultura, ele ocupava um lugar privilegiado na sala e toda a família se reunia em seu entorno. Isso até a televisão chegar e o rádio perder o seu lugar de destaque nos lares das famílias brasileiras.

Outro tempo que marcou a minha vida também foi a celebração à bandeira, que ocorria na escola antes de entrar para a sala de aula. Durante os dois primeiros anos de alfabetização, todos os dias havia o hasteamento e a execução do hino nacional e, em seguida, íamos para a sala em fila indiana. Em dias especiais, as alunas mais desenvoltas iam no pequeno palco, ao lado das bandeiras, para cantar ou declamar. Eu nunca fui, pois era muito tímida, mas quando cursei o supletivo para concluir o primário e poder cursar o ginásio, consegui realizar esse desejo, inclusive lendo textos comemorativos feitos por mim. Era apavorante por conta da timidez, mas eu ia, mesmo com as pernas tremendo e a voz embargada, eu consegui dar conta.

No povoado onde eu morava, tinha o serviço de alto-falante da igreja católica que funcionava como publicidade gratuita. Todos os dias, às 6h da manhã e às 18h, tinha o momento da Ave Maria e do bom dia, por meio de músicas e informes, como aviso de morte ou nascimento. Aos finais de semana, tinha música e as pessoas ofereciam para os namorados ou alguém que elas tinham um certo interesse. Muitos namoros começaram a partir dessa manifestação. O meu exercício de escrita começa a se desenvolver naquele momento como uma função social. As pessoas que não sabiam escrever pediam para eu escrever cartas para serem lidas no alto-falante, procurando parentes desaparecidos ou pedindo músicas simplesmente para ouvir ou oferecer aos amigos e entes queridos.

Aos sábados, pessoas de sítios vizinhos iam ao povoado fazer compras e ouviam as cartas lidas no serviço de alto-falante. Muitas vezes elas conheciam as pessoas que estavam sendo procuradas e davam recados. Por vezes, sitiantes vizinhos de parentes desaparecidos levavam cartas e entregavam em mãos. Muitas dessas cartas eram respondidas e era eu quem as lia. Era gratificante poder ajudar!

No ginásio, o professor de literatura, Demétrios, nos incentivava a escrever redação e apresentá-la. Ele incentivava, sugeria temas e dava pontos para quem melhor interpretasse. Eram dois grandes grupos, meninas e meninos. Claro que as meninas sempre ganhavam. Nós escrevíamos sobre coisas tristes e terminávamos a leitura em lágrimas. Era só aplausos! Assim nasceram os meus primeiros contatos com a literatura e as primeiras manifestações com a escrita.

EMANUELLY GUIMARÃES: De onde veio o seu gosto pela leitura?

JANETE MANACÁ: Sou inquieta, hiperativa, curiosa e sempre lia tudo que chegava em minhas mãos, de receitas de remédio, gibis, almanaques a fotonovela. As escolas sempre me salvaram. Como eu não tinha condições financeiras para adquirir livros, quando podia, vivia nas bibliotecas. O meu gosto pela leitura veio da inquietude do meu cotidiano. De querer obter respostas para todos os porquês. Quanto mais informações eu tinha, mais eu percebia a facilidade para desenvolver a escrita.

Os livros do ginásio traziam algumas poesias de Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Olavo Bilac, Castro Alves. Como eu amava! E posteriormente, durante o segundo grau e além, vieram as descobertas de escritores maravilhosos, como: Jorge Amado, José de Alencar, Machado de Assis, Ágata Cristie, Adelaide Carraro, Maurice Druon, Antoine de Saint-Exupéry, Khalil Gibran, Tagore, Graciliano Ramos, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Maura Cançado, Pablo Neruda, Jalal ud-Din Rumi, Nicolas Behr, Aclyse Mattos, Carlos Drummond de Andrade, Mario Quintana, Leminski e, ainda, a minha grande inspiração da poesia, minha amiga Marilza Ribeiro, que nos deixou em fevereiro de 2022. Uma imensurável perda.

EMANUELLY GUIMARÃES: Quais escritores e livros que atualmente você está apreciando?

JANETE MANACÁ: Alguns eu já li e separei novamente para reler. São eles: Destinos desdobrados, de Terê Tavares; Acorde para uma menina cantar, de Marilza Ribeiro; Incesto, de Anaís Nin; O banquete, de Platão, Microfísica do poder, de Paul-Michel Foucault; Ensaio: que filosofar é aprender a morrer e outros ensaios de Michel de Montaigne; A Cidade do Sol, de Tommaso Campanella; Cartas xamânicas, de Jamie Sams & David Carson; O pequeno príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry; As veias abertas da América Latina, de Eduardo Galeano; A fabricação da loucura – Um estudo comparativo entre a inquisição e o movimento de Saúde Mental, de Thomas S. Szasz; Poesia Mística, de Rabinfranath Tagore; Quintais, de Patrícia Cacao; Poesia, de Vanessa Franco; Ogundana o alabê de Jerusalém, de Altay Veloso; Perifobia, de Lilia Guerra, Van Gogh - o suicida da sociedade, de Antonin Artaud; O contrato social, de Jean-Jacques Rousseau, Tratado sobre a tolerância, de Voltaire; Poemas escolhidos, de Gregório de Matos; Os amores (poemas escolhidos) de Bocage; Quarto de despejo – diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus; Todos os contos de Clarice Lispector; Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago, Poesia completa, de Manoel de Barros, O arquipélago de Dâmocles, de Danilo Zanirato, Hospício é Deus (diário I) e O sofredor do ver, de Maura Lopes Cançado... Gostaria muito que os dias fossem mais longos para poder fazer tudo que tenho vontade. Mas parece que o relógio caminha acelerado. Mal o dia amanhece e já anoitece. Como é extasiante ler! A melhor viagem sempre acontece num mergulho profundo nas páginas sépias dos livros. Pelo menos para mim.

EMANUELLY GUIMARÃES: Quem te incentivou a escrever, a ser uma escritora?

JANETE MANACÁ: Ninguém! Eu nunca pensei em ser uma escritora e muito menos poeta. As coisas aconteceram. Sou uma pessoa simples que tem uma origem conectada com a Mãe Natureza. Alimentei muitas crenças como verdade. Vivi e fui feliz com a minha consciência ingênua e às vezes mágica. Em 1986/1 eu passei no vestibular da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) para o curso de Serviço Social em Cuiabá/MT. Fiquei muito feliz. Depois de 21 anos de ditadura, os professores de Serviço Social chegavam às salas de aula com muita sede de transmitir o que nos foi negado durante esse período triste da história do nosso país.

O curso de Serviço Social ministrado, em sua maioria, por incríveis mulheres, foi um divisor de águas em minha vida. Tudo que me sustentava no mundo como verdade absoluta ruiu e eu fiquei sem chão. O despertar da consciência crítica foi um imenso choque. Naquele momento eu precisava renascer como fênix, das cinzas que me restavam. Não sobrou

praticamente nada do que eu era. Eu me sentia uma coisa. Era urgente a necessidade de ressignificar tudo para não morrer. E eu sempre tive tanta sede de viver.

Comecei a botar para fora em forma de poesia tudo que me incomodava. Meus escritos nasciam verdes, feito fel, mas traziam alívio para o meu ser esfacelado. Era o que eu tinha naquele momento para oferecer. Mas para quem? Tudo era um incômodo sem fim. As poesias falavam da fabricação da loucura, da coisificação do ser humano, da invisibilidade, do papel da mulher nesse projeto de ser no mundo. Das injustiças, da relação de poder, da exclusão dos vulneráveis na sociedade. Eu morria e renascia todos os dias. Chorei, perdi o sono e a cada leitura, eu me embebedava de conhecimento e expurgava os velhos hábitos em forma de poesias.

Meus primeiros livros foram publicados e lançados em 2018, embora tenham sido escritos em 2017, após a minha aposentadoria, aos 61 anos de idade. E um deles foi motivado por um assédio vivido no trabalho. Foi tão forte que, muitas vezes, quando eu me deitava para dormir com uma forte disritmia, não tinha certeza se no dia seguinte eu iria acordar viva. Fiquei muito ruim e creio que só não morri porque não tinha chegado a hora.

Sem perceber, comecei a escrever intensamente tudo o que me atingia e, aos poucos, fui percebendo que, ao escrever acerca das agressões verbais, das perseguições sofridas, eu me sentia aliviada. Era como se tivesse feito uma catarse. Mais tarde, quando eu já havia ressignificado aquela fase sombria, eu estava fortalecida. E foi assim que nasceu o livro de poesias “Quando a vida renasce do caos”. A poesia tem esse poder de cura, eu digo isso porque eu senti na própria pele.

A partir de então, até hoje, foram dezessete livros escritos e publicados de forma independente. Tenho muito amor e cuidado com todos os detalhes, da diagramação ao tamanho da letra, tipo de papel, impressão em offset. Registros de direito autoral, ISBN, ficha catalográfica e a arte da capa. Hoje tenho uma equipe afetiva e parceira na composição das minhas obras. Foi uma construção tecida com muita dedicação, profissionalismo e amor aos leitores que consomem a arte das palavras.

EMANUELLY GUIMARÃES: Qual o seu gênero favorito de escrever?

JANETE MANACÁ: Eu escrevo contos e poesias. Mas a minha preferência é por poesias. É um desejo de alma. É o que reverbera no meu ser. Poesia não tem tempo e nem lugar apropriado para nascer. São libertas e chegam ao mundo quando quiserem e de onde estiverem. Faça chuva,

faça sol, entre ruídos e silêncios, na multidão ou no deserto, todos os lugares são maternidade para a poesia.

Penso que o poeta é um instrumento que permite a passagem sem nenhuma censura. Elas, as poesias, são sempre bem-vindas, caso contrário, viram as nossas cabeças de pernas pra cima. Porque são birrentas. Quantas vezes, a caminho da UFMT, eu estacionava em algum lugar menos perigoso para parir poesias. Tagarelavam tanto na minha mente que só havia uma alternativa, ceder. E era o que eu fazia.

Algumas pessoas que não são do meio literário podem pensar que sou louca. E eu respondo: Sim, sou! Mas não estou só nesse devaneio poético. Quando se aprende a viver fora dos padrões que muitas vezes nos amordaçam, somos julgados. Mas isso não faz o menor sentido porque o vento que toca a minha face não é o mesmo que toca a sua. A sensação é outra. Você talvez segure os cabelos e eu por certo vou apreciar vê-los soltos a dançar. Afinal, vento também é poesia... sonora!

EMANUELLY GUIMARÃES: Dentre suas obras, qual a sua favorita? Por quê?

JANETE MANACÁ: Tenho três livros infantis baseados em histórias reais, um livro de narrativas e treze livros de poesias. Livros são como filhos. Chegam ao mundo por meio de parto normal, solitário. São palavras, situações, denúncias, dores... Em cada livro, há um universo de coisas não ditas, mas sentidas, às vezes não há vocabulários para expressar tudo que é preciso. Então há sempre a impressão de que toda poesia é apenas um minúsculo fragmento do todo, pela não compreensão. Por isso, o processo de gestação é doloroso e ao mesmo tempo libertador. É um esvaziar-se de coisas que impedem a nossa travessia nesse deserto devastador, mas ao mesmo tempo, tão necessário ao nosso estado de ser no mundo.

Não há como eleger um filho favorito. Todos têm a sua importância tendo em vista o momento presente, a expectativa. Eles têm a sua importância porque fazem parte de um certo momento histórico. Demarcam a nossa existência no mundo e a compreensão de tudo o que nos envolve naquele dado instante. Nós nos refazemos a cada segundo. Somos mutantes, nunca nos repetimos porque o agora é um eterno devir.

EMANUELLY GUIMARÃES: Quais são as tuas inspirações? O que te motiva a escrever?

JANETE MANACÁ: Para o poeta, a poesia está em todo lugar. Basta ter olhos para enxergar. Como dizia Manoel de Barros: “Tudo serve para a poesia”. As coisas belas, as dores do mundo,

a violência, a celebração, a gratidão, a injustiça, o desmatamento, o fogo na floresta, a ganância, a falta de empatia, a violência contra os povos originários, o desvio dos rios, a corrupção, a intolerância religiosa, o feminicídio...

Certa vez, conversando com a saudosa poeta Marilza Ribeiro, minha grande inspiração e amiga, ela me disse que via a poesia em tudo. Olhava para o copo d'água e dizia: aqui tem poesia. Hoje eu compreendo perfeitamente o que ela me dizia. Ah, que saudade!

O que me motiva a escrever é a inquietação causada, entre outras coisas, pela urgência de encontrar o meu lugar no mundo sem depressão, síndrome do pânico, mágoa, ressentimentos, asma, bronquites...Eu escrevo para não morrer sufocada, para continuar vivendo livre de imposições sociais. A poesia, além de tudo, é um instrumento de denúncia daquilo que nos causa incômodo. Muitas vezes é exercício de ousadia. Há que se ter coragem de recomeçar todos os dias. É caminhar sobre águas turbulentas, viver à margem, caminhar contra a correnteza.

EMANUELLY GUIMARÃES: Os teus textos poéticos são direcionados a qual público-alvo?

JANETE MANACÁ: São direcionados a todo e qualquer público, de todas as idades. Eu escrevo sobre tudo que me toca e de alguma forma tem conexão com a humanidade. As protagonistas das minhas poesias são as mulheres da minha infância, tão lindas, sábias e poderosas. Mulheres afetivas e acolhedoras. Benzedeiras, rezadeiras, erveiras, parteiras, lavadeiras, mães solas e aquela que guarda os nossos sonhos e atende os nossos desejos: a Mãe terra! Tudo que necessitamos para viver aqui vem do seu fértil útero, como água e alimentos. E não podemos esquecer nunca que é sobre o seu corpo que edificamos nossos castelos, nossos lares, nossa passagem aqui e agora.

Pretendo chegar às mulheres mais vulneráveis, aquelas que de alguma forma já sofreram violência doméstica. Tenho um projeto que nasceu da poética realizada no quintal da minha casa. Trata-se do Projeto “Parto Poético”. A partir de oficinas, eu trabalho com palavras geradoras e técnicas de teatro, dança, interpretação e produção de poesias, com respaldo na metodologia socrática denominada maiêutica. A Maiêutica parte do princípio de que todo o ser humano é portador da luz do conhecimento, bastando apenas alguém para ajudá-lo a parir, a dar à luz.

EMANUELLY GUIMARÃES: Conte-nos sobre a coletânea lançada em setembro de 2022, cujos títulos são: URGÊNCIA POÉTICA - poesia em tempos de incerteza – volume I; MERGULHO POÉTICO - poesia em tempos de dor - volume II; ACONCHEGO POÉTICO - poesia em tempos de reflexão – volume III e RENASCIMENTO POÉTICO - poesia em tempos de esperança – volume IV. Como você descreve a essência desses textos literários?

JANETE MANACÁ: Esse é um trabalho que eu tenho muito carinho e gratidão por ter realizado. Tudo começou a partir do dia 16 de março de 2020, quando de fato começamos a viver uma explosão de medo e incertezas por algo que nunca antes havíamos vivenciado. Uma Pandemia mundial causada pela proliferação do Corona Vírus (Covid 19). Uso de máscaras, toque de recolher, distanciamento social, afastamento dos familiares, hospitais colapsados, sem protocolo adequado de atendimento, atraso das vacinas e tantas especulações.

Durante esse período, muitos amigos e amigos de amigos começaram a desenvolver ansiedade, depressão, crise de pânico... Então tive a inspiração de gravar áudios de poesias com fundo musical, um *card* com o nome do projeto, uma estrofe da poesia e o título, no final uma mensagem de apoio. No início, eram enviados para umas oitenta pessoas. Esse número foi aumentando à medida em que os amigos que recebiam me passavam o telefone dos seus amigos e familiares para acrescentar à lista de envio, pois eles também queriam receber, mas diretamente de mim.

Nos primeiros cinco dias, eu enviava poesias de vários autores brasileiros. Logo eles manifestaram o desejo de receberem as minhas poesias. Foi o que eu fiz. Durante o ano de 2020, eu enviava poesias dos meus livros já publicados. Mas foi a partir do início de 2021 que eu comecei a enviar poesias inéditas escritas alguns minutos antes de encaminhá-las à lista dos interessados. Já eram mais de cem famílias do Brasil e exterior, mas esse número aumentou porque quem recebia também replicava.

A partir dessa prática noturna de semear poesias, nasceu o Projeto: “Momento com Gaia – Poesia em tempos de pandemia” e a ideia de escrever um livro para cada trimestre. Assim surgiu a vontade de elaborar a coletânea com quatro volumes. Todas as poesias são compostas por sete estrofes contendo três versos, cada. De março de 2020 a 31 de dezembro de 2021, foram enviados 671 áudios de poesias. No entanto, a coletânea é composta somente pelas poesias do ano de 2021.

Além de enviar as poesias, eu também me coloquei no lugar de escuta de várias pessoas conhecidas e outras que eu não conhecia, mas que eram indicadas por amigos. Essas pessoas

me ligavam no meio da noite para conversar sobre os seus medos e inseguranças. Como sou notívaga, muitas vezes o dia amanhecia e eu estava no telefone, ouvindo-as. Várias poesias nasciam a partir desses contatos.

As poesias eram enviadas impreterivelmente todas as noites, antes da meia noite. Às vezes, eu me atrasava e os receptores enviavam mensagens, perguntando: “Não tem poesia hoje”? O ator, arte-educador-ambiental, Dr. em Educação – Carlos Roberto Ferreira, assim destaca no prefácio do III volume: “Qual curandeira das ervas da medicina artística, se colocou a nos cuidar de dentro para fora, curando as cicatrizes que a pandemia ainda projeta em todos nós. E como são muitas as cicatrizes, não mediu esforços em seus plantões mediúnicos e nos visitou todas as noites, fazendo chegar a nossos lares o seu “aconchego poético”, brindado de humanidade e de paz espiritual. Como uma concha que foi banhada por todos os oceanos, Janete Manacá se colocou a fazer reverberar em nós, a sonoridade do universo noturno e nos oferece como fundo musical, na maioria de seus poemas, a música de mesmo nome, “Noturno”, de Frédéric Chopin (1810 – 1849). (ACONCHEGO POÉTICO poesia em tempos de reflexão – volume III)”

Hoje, olho para trás e me emociono com a força que às vezes temos e nem nos damos conta. Foi tão especial esse compromisso poético-afetivo durante esse tempo de “clausura”, oportunizado pela poesia e infelizmente causado pela pandemia, que eu sou toda gratidão. Fiz tão pouco e fui contemplada com tanto amor. É esse movimento de troca que nos ensina a ser melhores. Se aprendemos a atravessar os desafios do deserto, não nos custa estender as mãos para quem necessita. Tenho aprendido tanto com a poesia!

EMANUELLY GUIMARÃES: Quais os planos e projetos da escritora Janete Manacá para o ano de 2023?

JANETE MANACÁ: Em 2023, eu me sinto dividida entre a poesia e a música. A poesia eu já tenho um pouco de conhecimento sobre o processo e tenho aprendido a lidar com os imprevistos. É minha aliada. Conseguimos dialogar em harmonia. Não me causa estresse. É companhia em dias ensolarados ou nublados. Criamos laços profundos e quero crer que sejam eternos.

A música sempre fez parte da minha vida. Gosto de ouvir quando medito. E sempre estive vinculada a um coral, também gosto de cantar. Ler partituras, compreender tempo, ritmo...vai exigir um pouco de racionalidade. Sou demasiadamente emocional. Há seis meses faço parte do Projeto: UFMT com a corda toda. Quero tocar violino, já dei os primeiros passos.

Estou otimista! É um projeto incrível que transborda muito amor e me dá muito prazer enfrentar esse desafio no auge dos meus 66 anos de idade.

Acredito que será possível caminhar com a poesia e a música. Penso que ambas são necessárias. Palavras tem sonoridade, logo, poesias são músicas. Neste ano, eu já tenho um livro de poesias escrito. Ele dá voz às mulheres silenciadas. É baseado em depoimentos de mulheres desconhecidas que eu encontrei nos lugares mais insólitos. Estou iniciando a elaboração de mais um livro infantil também baseado em fatos reais.

Todo ano eu faço lançamento solidário de livros, numa escola rural da Comunidade dos Coxos, pertencente ao município de Nossa Senhora do Livramento-MT. Trata-se de crianças de famílias carentes com poucos recursos de forma que a aquisição de um livro está fora de cogitação. Com o lançamento nas dependências da escola, os alunos recebem gratuitamente um volume do livro. E assim eu sigo conjugando o verbo esperar e semeando em terra fértil. Afinal, viver é preciso. Ser acolhido, amado e respeitado também!